

O alienígena que queria aprender a ler

Jornal Do Alfabetizador
Editora Kuarup / PUCRS
ANO VIII - Nº 47 – 1996 – p. 14-16

Luiz Carlos Cagliari

O professor escreve palavras, desmonta-as e monta-as novamente, forma palavras com pedaços de palavras, achando que assim os alunos se alfabetizarão. Acrescenta a isto tudo mil estórias, cujo único pretexto é facilitar a memorização de tarefas que o aluno deve fazer, como juntar os pedacinhos de palavras corretamente, escrever letras certas nos lugares apropriados, lembrar-se das explicações quando se encontrar diante de casos semelhantes, etc. Como um aluno pode aprender a ler e a escrever, seguindo esse procedimento?

Era uma vez um professor que por mais de vinte anos alfabetizou crianças numa escola do bairro em que morava...

Na escola, os professores alfabetizadores começam a ensinar os alunos a ler e a escrever seguindo métodos ou sugestões de atividades, acreditando que os alunos acabarão aprendendo. E de fato, geralmente, isto acaba acontecendo. Depois de um ano de trabalho, constata-se que a grande maioria dos alunos que permaneceram na escola acabaram aprendendo pelo menos os rudimentos da leitura e da escrita.

Analisando de fora da escola o que aconteceu com a classe desse professor, o resultado é de certa forma surpreendente. O professor escreve palavras, desmonta-as e monta-as novamente, forma palavras com pedaços de palavras, achando que assim os alunos se alfabetizarão. Acrescenta a isto tudo mil estórias, cujo único pretexto é facilitar a memorização de tarefas que o aluno deve fazer, como juntar os pedacinhos de palavra corretamente, escrever letras certas nos lugares apropriados, lembrar-se de explicações, quando se encontrar diante de casos semelhantes, etc.

Como um aluno consegue aprender a ler e a escrever, seguindo esse procedimento? Onde estão as explicações sobre a natureza, função e usos da leitura e da escrita? O que tem de verdade e o que tem de mentira no que o professor e o aluno fazem?

Passemos a um exemplo. O professor pega a palavra chave "POTE", escreve-a na lousa, conta a estória do pote de mel que estava na prateleira e que Joãozinho quebrou, quando foi comer mel escondido da mãe. Feita a interpretação da estória para ver se os alunos entenderam o que foi contado (como se esta estória fosse uma complicadíssima questão de filosofia ou um difícil problema de engenharia mecânica ...), o professor escreve na lousa a palavra-chave, como já tinha feito com a palavra POTE, e pergunta aos alunos quantos pedacinhos têm a palavra POTE. Os alunos dizem que tem dois: PO e TE. O professor pergunta a que família de letras pertence o pedacinho PO. E os alunos respondem dizendo que pertence ao PA-PE-PI-PO-PU. Em seguida, faz-se o mesmo com o TE, reconhecendo o TA-TE-TI-TO-TU. Feito isto, o professor solicita dos alunos que pensem quais palavras pode-se formar com o PA-PE-PI-PO-PU e com o TA- TE-TI-TO- TU. Os alunos pensam um pouco, e começam a dizer: PATA, TAPA, PAPA, TATÁ, TUTU, PIPI, TOTÓ, PAPO, TATU. O professor lembra que também ,se pode formar a palavra POTE, que acabaram de ouvir na estória. Aí, um aluno comenta dizendo que POTE tem PO e TCHI. O professor diz que TI e TCHI é a mesma coisa.

Outro aluno pergunta: então, por que o professor escreve TE em vez de TI, e o professor responde dizendo que TE é igual a TI. Feito isto, todos começam a copiar da lousa a palavra POTE, pronunciando os sons das letras à medida que vão escrevendo, para observarem bem os sons que as letras têm, e deste modo, aprenderem a ler e a escrever corretamente. Em seguida, o professor passa a lição para os alunos fazerem, onde constam duas colunas de pedaços de palavras para os alunos juntarem um pedaço da primeira coluna com um pedaço de palavra da segunda coluna, formando uma palavra inteira. Encontramos na primeira coluna: PA PI TA TI, e na segunda coluna: PI TA PO PA. Os alunos fazem o exercício, o professor corrige e passa-se ao ditado, no qual os alunos vão escrever as mesmas palavras já estudadas, agora sem ver o modelo escrito na frente. Finalmente, os alunos copiam todas as palavras que estudaram três vezes para fixarem a aprendizagem.

Procedendo assim, o professor vai ensinando cada vez mais um número maior de palavras que os alunos desmontam e montam, escrevem e lêem, de tal modo que, depois de alguns meses, eles já dominam um volume de palavras que permite ao professor considerar que eles já estão alfabetizados. Por incrível que possa parecer, apesar de ficarem restritos aos conhecimentos ensinados pelo professor, os alunos acabam aprendendo a ler e a escrever outras palavras que nunca foram estudadas.

Para quem estuda os sistemas de escrita, o processo de decifração da escrita e os usos da escrita, parece realmente impossível que alguém aprenda a usar o nosso sistema de escrita, fazendo o que os alunos fazem nas classes de alfabetização. Sistemas de escrita antigos foram decifrados a duríssimas penas, exigindo um trabalho enorme, minucioso e altamente complexo. Alguns ficaram até hoje desafiando o trabalho dos eruditos. Como as crianças aprendem a ler e a escrever com tanta facilidade e com tão pouco estudo específico sobre o assunto?

Se o nosso sistema de escrita desaparecesse e fosse achado a milhares de anos, será que naquele futuro as pessoas decifriam as coisas que escrevemos com a mesma facilidade com que isso acontece hoje numa sala de alfabetização de nossas escolas? As crianças, hoje, aprendem porque recebem explicações adequadas ou por outro motivo, ou seja, elas aprendem porque são ensinadas ou porque descobrem por si tudo o que é necessário saber para decifrar o que a escrita representa? A experiência histórica nos leva a crer que é isso o que acontece, de fato, e a escola nem sequer tem consciência deste fato. O professor continua achando que os alunos aprendem porque ele ensinou.

Por outro lado, temos um outro obstáculo: simplesmente deixando uma criança diante da escrita, sem a ajuda específica de alguém que conhece o sistema de escrita, ela não consegue decifrar os segredos da escrita. Se isto fosse possível.. não haveria mais sistemas de escrita no mundo que não estivessem já decifrados. Infelizmente, ainda há alguns deles. O sistema meia resiste à decifração há mais de 400 anos de estudo e de pesquisa.

Que milagre acontece na escola, na sala de alfabetização?

Para se entender melhor o que se disse acima, vamos colocar uma questão prática. Suponhamos que um ser de outro planeta (um alienígena) chegasse à Terra e quisesse aprender a ler e a escrever no nosso sistema de escrita. De onde ele vem tudo é completamente diferente, nunca ninguém escreveu ou leu nada, a comunicação se processa de outra forma. O nosso professor alfabetizador foi escolhido para ensiná-lo a ler e a escrever. Para a primeira lição, o professor traz um grande pote de cerâmica, porque vai começar a alfabetização do alienígena com a lição do POTE.

O professor vê seu aluno sentado na primeira carteira da sala de aula, mostra o pote e conta a história do pote de mel. O alienígena vê os gestos e os sons que saem da boca e acha tudo muito

curioso. Mais curioso fica o professor com a curiosidade do aluno, e logo descobre que tudo o que fez foi inútil. Ele estava querendo ensinar a escrever e a ler a palavra POTE e teve a sua primeira decepção. Antes de ensinar a escrever e a ler a palavra POTE, o alienígena precisa aprender a língua portuguesa. Sem isto, qualquer explicação caía no vazio. O professor logo se acalmou. Afinal, ele não tinha pensado bem nisto, mas, na realidade, seus alunos já sabiam falar português, quando iam se alfabetizar. Ele achava que muitos não falavam a Língua Portuguesa, mas um dialetozinho muito fajuto... Agora, começou a reconsiderar: saber aquele dialetozinho fajuto já era uma grande coisa. Ainda mais, sem falar a língua de uma certa forma, alfabetizar seria construir no vazio. Percebeu que seus alunos o ajudavam muito, com o fato de serem falantes nativos da língua que a escrita representava. Ele até achava que ensinava a língua portuguesa ao ensinar seus alunos a escrever, mas agora parecia claro que a escrita de pouco adianta, quando não se conhece a língua que a escrita representa.

Nesse momento, o professor olhou para a lousa e colocou para si uma pergunta que nunca fizera antes: o que uma pessoa precisa saber, de fato, para saber que está escrito POTE? Dizer simplesmente que está escrito POTE ou PO-TE para que outro repita é um ato de fé na palavra do professor, e não uma explicação. Então, o que existe antes que possibilita a alguém dizer a outrem que ali estava escrito POTE? O professor continuou olhando fixamente a lousa, apagando aos poucos o que tinha escrito. O que ele fazia com seus alunos ao alfabetizar já pressupunha um conhecimento da língua portuguesa por parte de seus alunos e até mesmo algumas noções básicas do sistema de escrita empregado.

Uma vez que o alienígena aprendeu logo a língua portuguesa e começou a se comunicar falando, o professor pode dizer a palavra "pote" e ter a certeza de que estava sendo entendido pelo seu novo aluno. Daí para a frente, ele não iria mais se preocupar com isso. Então resolveu voltar a escrever a palavra POTE. O alienígena logo observou que no planeta Terra as pessoas usam a linguagem com a boca e com os dedos. A boca produz ruídos articulados e os dedos produzem grafismos também articulados. A primeira manifestação é chamada de fala, e a segunda, de escrita. As pessoas ou falam, ou escrevem ou fazem as duas coisas ao mesmo tempo.

O professor ficou admirado que o alienígena tivesse conseguido descobrir a diferença entre a fala e a escrita apenas pelas suas manifestações, embora estivesse um pouco confuso com seus usos. Mais admirado ficou quando o aluno observou que, a fala era usada para representar o mundo, por exemplo, o objeto pote que ele tinha trazido e posto em cima da mesa. Porém, a escrita representava a fala, e somente através da fala representava o mundo. Ainda mais, para ele, parecia que havia formas de escrita que representavam diretamente o mundo, e não a fala. O professor perguntou: "Como assim?" E o aluno mostrou o pôster que havia na parede da sala de aula com a fotografia de um pote bastante semelhante ao que o professor trouxera. O professor olhou para o pôster, para o pote e foi murmurando: pote, POTE, PO-TE.

Para esclarecer, acrescentou: "Você têm razão!, a gente fala POTE para nos referirmos 'ao mundo', ou seja, a um objeto do mundo ... Quando escrevi POTE queria representar a palavra 'pote', mas a fotografia não é fala, nem escrita, é simplesmente fotografia. E continuou: "Escrita é escrita e desenho é desenho". O alienígena ficou preocupado: ele achava que escrever também era uma forma de desenhar. Então o que distinguia o desenho de uma escrita? Fez na lousa ao lado da palavra POTE, um desenho do pote que estava em cima da mesa e perguntou ao professor se aquilo era também uma escrita. O professor disse que não era escrita, mas que podia ser. Disse ainda que alguns povos antigos escreviam assim, fazendo desenhos de objetos... O alienígena disse que tinha observado algumas pessoas olhando para uma porta, onde tinha o desenho da silhueta de um homem e dizendo "banheiro dos homens", e diante da porta que tinha a silhueta de uma mulher:

"banheiro das mulheres". Ora, parecia claro para ele que aqueles desenhos não representavam seres semelhantes do mundo real, ou seja, homem e mulher, mas eram uma forma gráfica que permitia às pessoas dizerem palavras... do mesmo jeito que o professor estava fazendo com o que chamava de escrita da palavra POTE que estava ao lado do desenho. No caso da porta, as pessoas identificavam a idéia e depois falavam o que tinham interpretado. Houve até alguém que disse a mesma coisa em outra língua. Será que esta última pessoa, diante da forma gráfica POTE, conseguiria dizer em sua língua a mesma coisa que a escrita POTE representa na língua portuguesa? O professor que estava pensativo respondeu que não, arrastando a sua fala. E acrescentou: "Eu nunca alfabetizei alguém ensinando a ler porta de banheiro. A gente aprende a ler letras.

O alienígena ficou admirado com a sutileza da observação do professor e perguntou logo o que era letra. Através dos nomes, a gente sempre aprende a essência das coisas. O professor não gostou da pergunta. Desse jeito, seu método de trabalho estava saindo fora do controle. Aluno é aluno e deve se comportar como aluno. Isso de ficar perguntando demais atrapalha. Mas como aquela era uma situação muito especial e um aluno muito especial, ele ia fazer uma concessão e explicar o que o aluno estava querendo saber.

Então, o professor mostrou a palavra POTE e disse: "Temos aqui letras e não desenhos. Letras são estes rabiscos que têm sons", e corrigiu: "rabiscos que representam os sons. A primeira letra é a letra Pê que tem o som de "pê", depois tem a letra O que tem o som de "ó", em seguida, a letra Tê que tem o som de "tê", e por fim a letra E que tem o som de "ê". Somando tudo temos "pó-tê". Simples e fácil".

O alienígena observara tudo atentamente e disse: "Quer dizer que a escrita são as letras e as letras representam sons. Então como a escrita representa a língua portuguesa? Basta juntar sons para se ter unidades da língua portuguesa? Basta juntar letras e dizer que sons elas têm para se usar a escrita? As palavras da fala trazem consigo idéias e sons ... como isto fica no material escrito? Os sons são identificados pelas letras, e o significado, como fica? Além disto, por que somando "pê" com "ó" resulta em "pó" e não em "pêo" ?"

O professor pegou a última questão e foi respondendo: "É por causa das sílabas: a gente não tem só as letras e os sons das letras, temos também as sílabas. Assim: PA-PE-PI-PO-PU, TA-TE-TI-TO-TU". Neste momento, o professor começou a se animar, uma vez que se viu dentro de seu mundo de alfabetizador.

O alienígena retrucou: "E o que significa esta palavra: PA-PE-PI-PO-PU?" O professor percebeu que o aluno não tinha entendido e repetiu: "As palavras não são feitas só de letras, têm também as sílabas". O alienígena arregalou os olhos: "Isto, o senhor já disse. Quero saber que significado tem esta palavra feita só de sílabas." O professor respondeu que não tinha significado. eram somente sons para ensinar as pessoas a ler e a escrever. "Se é assim", perguntou o alienígena, "o que isto tem a ver com a palavra POTE?" O professor olhou profundamente nos olhos brilhantes do alienígena, com uma certa tristeza, e começou a desconfiar que se tratava de um aluno carente, com alguns distúrbios de aprendizagem...

Como o professor continuava calado, o alienígena arriscou fazer mais uma pergunta: "Vocês escrevem somente com essas quatro letras? Tenho observado que na fala há um número bem maior de sons diferentes entre si". O professor suspirou com a impaciência do aluno e disse: "Claro que não. Nós temos o alfabeto: A, B, C, D, E, F, etc." O aluno quis saber todas as letras do alfabeto e o professor mostrou, embora não concordasse muito com a idéia de ficar ensinando o alfabeto antes de o aluno aprender a ler e a escrever...

O alienígena observou que os nomes das letras eram parecidos com os sons que representavam, como o Pê representando o som de "pê", a letra O representando o som de "ó", etc. O professor concordou, mas disse que isso de nada servia. Em vez de usar os nomes das letras, era melhor usar o que ele ia ensinar: Mê de "macaco", Pê de "pata", Bê de "barriga", Esse de "sapo" e Cê de "cebola". Deste modo, o aluno aprenderia a ler e a escrever corretamente ao mesmo tempo. O alienígena quis logo saber como era que o professor sabia que era Mê de "macaco", Cê de "cebola": de onde vieram estas palavras para explicar as letras? E por que tinha Esse de "sapo" e Cê de "cebola", quando "sapo" e "cebola" tinham os sons iguais do "SA-SE-SI-SO-SU"? O professor, com profunda calma, disse que o aluno devia seguir as suas explicações na ordem programada, senão não dava certo alfabetizar. O Mê é de "macaco", porque macaco começa por Mê. E o Cê de "cebola", porque cebola começa por "cê". Ingenuamente, o alienígena, que tinha se perdido no meio a tanta explicação confusa, indagou se macaco não começaria no focinho e acabaria no rabo. Não perguntou da cebola, porque sentiu uma certa dificuldade em formular a pergunta. O professor franziu as sobrancelhas e pensou consigo que realmente aquele aluno alienígena era, de fato, uma pessoa carente, que não entendia as coisas mais simples e misturava tudo o que ouvia. Chegou mesmo a pensar que devia esquecer o que tinha planejado e fazer um período preparatório, para treinar a prontidão do aluno para as tarefas básicas da alfabetização. Como se tratava de um ser adulto, considerado inteligente... não ficava bem ensinar o aluno a pensar as coisas mais elementares com exercícios de prontidão. Mas, por ele, esse devia ser o caminho recomendável naquele caso.

O aluno viu a dificuldade do professor estampada no seu rosto, e para quebrar o silêncio disse: "Eu acho que as letras têm muitos nomes... na verdade, têm tantos nomes quantas são as palavras que começam na escrita com aquela letra... Por isto que a gente diz que a letra que se chama Eme representa o som de "mê", e assim, será o "mê" de macaco, de manteiga, de montanha, de música, etc."

O professor animou-se com a observação esperta do aluno e, para explicar melhor o que eram as letras, mostrou uma revista que tinha trazido consigo. "Olha, todas estas coisas aqui são letras. São as letras do alfabeto. Tem letra A, letra B, letra C, etc." O alienígena interessou-se pela revista e começou a folhear, fazendo perguntas. Perguntou ao professor o que estava escrito em CASA e o professor disse que era "casa". Depois perguntou o que estava escrito em Casa. O professor não entendeu e ele insistiu. A resposta foi: "Está escrito a palavra "casa" igualzinho à de cima". O aluno mostrou que havia duas letras diferentes: A e a. O professor disse que eram iguais, e o aluno insistiu que eram diferentes: bastava olhar bem, O professor percebeu, então, a dificuldade do aluno e disse: "A letra "a" pode ser escrita destas duas formas, mas continua sendo a letra "a"." O aluno queria saber por que eram iguais e diferentes ao mesmo tempo. Mas o professor se calou, pensativo. Após alguns instantes, o alienígena voltou a perguntar, querendo saber quantas formas existiam de se escrever a letra A. O professor respondeu secamente que havia quatro e escreveu a letra A a A a (as duas últimas na forma cursiva). Depois, pensou um pouco e disse que, na verdade, havia inúmeras formas, que a cada dia estavam inventando uma forma nova e mostrou outras formas da escrita da letra A. Aquilo parecia algo inacreditável para o alienígena: como era possível alguém reconhecer a letra A em tantas formas tão diferentes de grafar? Desconfiado e com receio, perguntou se o mesmo acontecia com as demais letras do alfabeto, uma vez que via nas páginas da revista uma variedade muito grande de formas gráficas que pareciam escrita de letras. O professor disse que isto era normal e comum, que servia para todas as letras. O aluno perguntou: "Então, como o senhor faz para saber o que é letra A e o que é outra letra, em meio àquela variedade de formas gráficas?" O professor respondeu que era assim e ficou pensando que bom seria se ele

tivesse esquecido aquilo tudo e ficado apenas com as letras de forma e cursivas, como fazia com seus alunos seres humanos...

O alienígena pensou durante um longo tempo em que ambos permaneceram em silêncio e depois perguntou: "Se existe esta variação na forma gráfica das letras, existe também variação na forma de falar as palavras, ou seja, a gente sempre lê de um único jeito, ou pode-se ler de maneiras diferentes?" A primeira resposta que obteve foi que sempre se devia ler de um único jeito, quando se lê certo... de acordo com a norma culta ou dialeto padrão.

Essa questão interessou muito ao alienígena, que acabou recebendo respostas muito vagas do professor. A idéia de certo e errado entrava a todo instante, em toda frase que o professor falava, e aquilo criou uma confusão ainda maior na cabeça do alienígena. Mas isto serviu para o aluno fazer ver ao professor que ele falava "pótchi", mas quando lia dizia "pôtê" se queria explicar que sons as letras tinham. Por fim, o professor convenceu o aluno de que ele também às vezes falava errado o que lia, dizendo "pótchi". O aluno devia aprender que era "pôtê" mesmo. Depois de ouvir isto, o alienígena aproveitou para perguntar por que o professor dizia "mêzmu" com "zê" e escrevia com o Esse de "sapo". Nervoso, o professor disse que a gente às vezes fala de um jeito e escreve do outro, e arriscou outro exemplo: "Veja, eu falo "ta-ki-si", mas não escrevo assim.

Tenho que escrever TÁXI". E continuou: "Eu falo "próssimu" e escrevo com a mesma letra X: PRÓXIMO; falo "izãmi" e escreve com a mesma letra X: EXAME - entendeu?" A explicação do professor tinha um sabor de vingança nas suas palavras. Escolhera o X porque sabia que aquilo era mesmo para complicar todas as coisas... Curiosamente, o aluno não se alterou: recebeu aquela explicação como todas as outras que o professor tinha dado até então. O que trouxe uma certa sensação de frustração para o professor.

O único comentário que fez naquela ocasião foi: "Quer dizer que ler é mais fácil do que escrever? E fez um silêncio. O professor ficou pensando o que queria dizer o que ouvira e não conseguiu entender porque o aluno tinha feito aquela observação. E o alienígena continuou: "Eu tenho a impressão de que as palavras são escritas de uma única forma, mas são faladas de várias formas, todas pertencendo à mesma língua, ou seja, a mesma palavra representada pelas mesmas idéias. Os sons simplesmente materializam estas formas semânticas que as palavras têm. Por isso, se eu disser: "pótchi" ou "póti" ou "pôte" estou falando sons diferentes que representam as formas diferentes que os dialetos usam para falarem a palavra que tem essa idéia na língua portuguesa. Porém, escolheram para a escrita apenas uma grafia: POTE. Há muitas formas de falar, mas apenas uma de escrever e isto gerou aquela confusão toda nas relações entre letras e sons... na discussão anterior. Portanto, se alguém tiver que ler, pode reconhecer nas letras os sons que interessam para o seu dialeto ou podem ler no chamado dialeto padrão... Por outro lado, os falantes dos diferentes dialetos terão dificuldades diferentes para saberem que letras deverão escrever, observando a própria fala: quem fala "póti" só muda o I e E, mas quem fala "pótchi" tem que mudar o I em E e saber que o "tch" deverá ser escrito apenas com a letra T. Sabe, professor, agora estou até achando que a escrita não é tão complicada como parecia no começo". O professor franziu a testa: para ele, agora é que a escrita estava ficando complicada mesmo.

Por um momento o professor queria falar sobre a ortografia, mas aprendera que isto não aparecia no seu método de alfabetização. Dizia casa palavra apenas quando ia corrigir a grafia errada da escrita inicial de seus alunos, quando ainda não dominavam o que ele ensinara. Ele tinha certeza de que os alunos podiam escrever corretamente, de acordo com a ortografia, apenas observando bem a fala e seguindo na pronúncia a norma culta. Era tão fácil aprender a dizer "pó-tê" e escrever corretamente POTE... Por um momento ele estremeceu, pensando que alguns de seus antigos alunos podiam ter tido dificuldades em escrever BORBOLETA, porque falavam "barbuleta", ou em

escrever DENTRO, ou BALDE, uma vez que falavam "drentu" e "bardji", ou até NÓS VAMOS, porque falavam "nóis vai". Como era possível sair do BA-BE-BI-BO-BU, dos exercícios estruturais de desmontar e montar palavras, observando atentamente a fala e conseguir acertar a ortografia, quando o único dialeto que o aluno falava tinha palavras como "bardji", "drentu", "prantá", "psicréta", "nóis vai pegá ele", etc...?

Um pouco angustiado com os pensamentos que tivera a respeito de sua vida passada como professor alfabetizador, lembrando-se, nessa hora, mais dos alunos que mandara para a classe especial, dos alunos que saíram da escola porque não conseguiram aprender a ler e a escrever, do que naqueles que passaram de ano, lamentou o tempo passado, agora irrecuperável, e num esforço para compensar antigos fracassos animou-se novamente com a idéia de alfabetizar o alienígena, seja lá por que método fosse. Percebera que, diante de uma situação tão bizarra, fora obrigado a rever sua prática de professor através de uma simples pergunta: o que faz quem sabe ler, para ler uma palavra tão simples como POTE, escrita numa lousa de uma sala de aula de alfabetização? Há mais de vinte anos ele escrevia a palavra POTE para alfabetizar seus alunos e nunca tinha pensado como seus alunos aprendiam. Durante todos estes anos, achava que bastava ensinar a lição do POTE e depois outra, e mais outra, até passar por toda a cartilha. Junto com o alienígena, muitas idéias novas apareceram. Ou melhor, não eram idéias novas. Tudo aquilo parecia o óbvio. Parecia óbvio que quem sabia ler, lia com facilidade. Mas agora parecia óbvio também que quem não sabia ler, não ia conseguir ler, se não levasse em conta todas aquelas idéias tão óbvias a respeito da natureza, da função e dos usos da escrita, colocadas tão claramente diante de si, naquele dia.

Essas considerações começaram a pôr em dúvida uma série de afirmações que ele fazia a seus alunos, achando que estava dando as explicações adequadas para eles aprenderem a ler: observe atentamente como você fala e escreva uma letrinha para cada som. Use o BA-BE-BI-BO-BU, desmonte e monte as palavras para analisar e saber como elas são formadas, imite a fala do professor, quando você falar errado (que sentido diferente tinha agora a palavra "errado"); pense para escrever a grafia certa das palavras nos ditados, não chute..." (como um aluno podia resolver uma dúvida sem chutar...? baseado em quê?), escreva o Mê de MACACO no CAMPO porque aí, a "mãe está dando a mãozinha para o pai..." Lembrou-se que seus alunos costumavam dizer coisas como: "URUBU se escreve com o chifre do boi?..." Como, de repente e após tantos anos, começou a soar ridículo esse tipo de explicação!..." O professor, por um instante, ficou com vergonha de si, percebeu numa fração de segundo toda a sua incompetência camuflada de competência, que ele passou a admitir depois do sucesso de tantos anos como professor e que nunca o deixou pensar naquilo que mais interessava ensinar na alfabetização: o que uma pessoa precisa saber para poder ler com conhecimento de causa uma palavra tão simples como POTE (ou qualquer outra ...)?

O alienígena percebeu a angústia do professor e ficou quieto em sinal de respeito. Depois disse: "Se eu falo a língua portuguesa, se sei que a escrita representa as palavras dessa língua, que o sistema de escrita usa letras que indicam sons da fala, e sabendo que a fala varia de dialeto para dialeto, mas a escrita escreve apenas uma forma, chamada a forma ortográfica, então fica fácil olhar a palavra POTE e dizer que está escrito: "pôtê", "póti" e "pótchi", Posso ainda ver que está escrito MESMO, e que se lê "mezmu" ou "mejmu", ou até "mehmu" ou "memu", dependendo do dialeto do leitor. Por outro lado, como a ortografia manda que se escreva apenas de um jeito, as relações entre letras e sons podem agora ser estudadas, levando-se em consideração as pronúncias possíveis que as palavras têm nos diversos dialetos. Acrescenta-se a isto o fato de a letra A ser uma abstração e não apenas uma forma gráfica, e isto se deve também à ortografia. Porque reconhecemos uma palavra da língua numa forma de escrita, atribuímos às partes gráficas correspondentes os valores de letras que a ortografia manda, e assim conseguimos até ler a escrita cursiva, por mais individualizada que seja, onde a forma gráfica das letras está num reino totalmente caótico, na sua

aparência, mas não na sua função. O professor não disse nada, mas acompanhou atentamente todas as palavras do alienígena.

O professor e o aluno voltaram a conversar sobre a escrita olhando a revista. Foi uma longa conversa cheia de descobertas para o alienígena e para o professor.

O alienígena começou a fazer um levantamento para saber quando um desenho representava um objeto do mundo e quando representava uma palavra: se vinha o desenho de um telefone com o preço, o desenho representava um objeto, se o desenho do telefone vinha no fim de um anúncio, seguido de números, era evidente que representava a palavra que mandava telefonar para aquele número, e neste caso, tinha que ser uma forma de escrita. Ou seja, os modernos terráqueos ainda usam uma forma de escrita desse tipo, misturada com a escrita das letras e dos números. Outra coisa que deixou o alienígena fascinado foi a escrita dos números. Bastava escrever um caractere e tinha-se logo uma palavra inteira, como em 7. Com letras, era preciso escrever quatro letras: SETE. Agora os problemas com a ortografia eram diferentes: com o sistema de escrita dos números não havia mais a neutralização da fala. Pelo contrário, ficou sabendo que em outras línguas a escrita era exatamente igual, embora os sons das palavras fossem muito diferentes. Por exemplo, em inglês se dizia "seven" e se escrevia 7. De repente, o professor começou a pensar que a observação que seu aluno fizera das portas dos banheiros tinha muito a ver com a escrita dos números, apesar das diferenças... Ele nunca tinha encarado os números como um sistema de escrita: era simplesmente uma questão de matemática.

A partir da foto de uma propaganda de carro, ficaram por muito tempo discutindo os sinais de trânsito, fazendo descobertas interessantes sobre esse sistema de escrita.

Na propaganda de um banco, o alienígena queria saber se se podia escrever somente na direção da esquerda para a direita, ou também da direita para a esquerda, porque na porta do banco tinha reconhecido algumas letras invertidas. O professor disse que, na verdade, ele estava vendo a escrita através de uma porta de vidro, e que por essa razão, a escrita aparecia daquele jeito. Ao lado, na propaganda do restaurante, estava evidente que se podia escrever de cima para baixo, colocando as letras em colunas. Procurou escrita de baixo para cima e não encontrou. O professor seguia atentamente as pesquisas e comentários do aluno, vendo a escrita como nunca tinha visto em toda a sua vida.

Ao comentar a diferença entre as letras que iniciavam períodos, o professor disse que se tratava de "letras maiúsculas". Porém, nem bem tinha terminado de falar, foi logo acrescentando que aquele nome era muito impróprio, porque como eles mesmos podiam constatar naquela revista, o tamanho das letras não fazia com que elas perdessem o seu valor funcional. Era simplesmente um uso diferente, ou melhor, uma mistura de alfabetos. Surpreendeu-se dizendo alfabetos no plural. Nunca tinha dito algo semelhante. Acreditava até aquele momento que existia apenas um alfabeto no nosso sistema de escrita.

Num dado momento, o alienígena pensou longamente, após uma longa explicação que ouvira do professor e disse: "Na fala, além dos sons que tínhamos associados às letras do alfabeto, há vários outros elementos que também variam de palavra para palavra e até de frase para frase. Há sons longos e breves. Por exemplo, quando se diz LÂMPADA, a primeira sílaba é longa e as outras duas são breves, mas quando se diz BATATA, a primeira e a última são breves e a do meio é longa.

Varia o tom da voz, às vezes, sobe, às vezes, desce e isto varia muito entre as palavras e as frases. Uma mesma palavra às vezes vem com um tom alto, com um tom médio ou com um tom baixo". Tinha também observado um maior volume de voz em algumas sílabas e até uma mudança na

qualidade da voz. Mas, curiosamente, a escrita com letras ou mesmo com pictogramas ou números não tinha nenhuma referência direta a estes elementos prosódicos da fala. Apenas as marcas e alguns sinais de pontuação apareciam, às vezes, com algumas indicações que pareciam mais voltadas para a estrutura sintática da língua, do que para a própria prosódia da fala. O professor sorria, às vezes, não sabendo bem se estava animado com as descobertas de seu aluno ou com as que ele próprio estava fazendo, ouvindo ao seu aluno.

Após uma breve discussão sobre como a escrita representava a linguagem, o pensamento e, em particular, a língua portuguesa, o alienígena percebeu que o professor, na verdade, não levava em conta o BA-BE-BI-BO-BU para seu uso particular e, surpreendentemente, nem mesmo as relações entre letras e sons. Ele falava guiando-se apenas pelo significado do que dizia, e escrevia do mesmo modo. Isto ficou claro quando, ao tentar escrever a palavra DANÇA, teve uma dúvida ortográfica, achando que se escrevia com S: DANSA. Depois foi escrever ESPERTO e escreveu EXPERTO. Quando o aluno chamou sua atenção, o professor foi olhar no dicionário, em vez de consultar sua observação atenta fala do dialeto padrão. Estava claro que ele escrevia pensando no significado e não nos sons das letras. A relação entre letras e sons servia apenas de ponto de partida. Para se atingir o ponto de chegada, era preciso saber de cor a forma ortográfica das palavras. O alienígena observou, então, que o alfabeto, não servindo de transcrição fonética, não era mais uma descoberta tão fascinante e importante, como o professor tinha dito há alguns minutos atrás. Mas, apesar disto, representava um modo de escrever de grande valor e utilidade pelo fato de dispor de poucos caracteres.

O professor, que sempre ensinara com orgulho que o alfabeto era uma das maiores conquistas do pensamento humano (se não a maior, na sua modesta opinião - como dizia), tinha que reconhecer, agora, diante de um alienígena qualquer, cujo nome nem sabia, que o alfabeto não era toda aquela maravilha que ele imaginara. Na prática, as coisas eram bem diferentes. Por um momento, chegou mesmo a pensar que a ortografia devia ser muito mais importante do que o próprio alfabeto. Mas, como ele nunca tinha tido estes pensamentos na sua longa prática pedagógica, resolveu ficar calado com seus pensamentos e não dizer nada.

As horas iam adiantadas demais para aquele encontro e era preciso fazer outras coisas na vida. Pelo menos ele, professor, tinha outras obrigações que o chamavam com urgência. Tinha, na verdade, se demorado mais do que podia. Explicou sua necessidade de sair com poucas palavras e com um elogio à esperteza intelectual de seu aluno. Sorriu, pegou suas coisas resmungando quase que para si, deixando o alienígena ouvir o que dizia, como alguém que ouve uma fala ao longe. "Preciso largar mão desse BA-BE-BI-BO-BU e começar a alfabetizar meus alunos, analisando e discutindo com eles como a escrita funciona; o que é preciso saber para ler algo tão simples e tão complicado como POTE. Ensinar a escrever para que os alunos aprendam a ler é, sem dúvida alguma, colocar a carroça na frente dos burros..." Riu interiormente da metáfora. Pegou sua cartilha e os apontamentos com o método do BA-BE-BI-BO-BU que usava para alfabetizar, jogou tudo na cesta de lixo, fez uma flexão despedindo-se do alienígena, levantou o braço num gesto sem sentido e foi embora.

